

As aventuras de ZP - O astronauta do pedacinho do céu.

Canberra - ACT – Austrália - Ano de 2012 – Dia 290

S35 17 02.2 E149 09 50.8

1º Capítulo de: **À volta do Mundo 2**

Voando sobre duas rodas

Vou de bicicleta para o trabalho. E pelo caminho descubro objectos ou partes suas, perdidos das suas funções, não me refiro às casas, aos automóveis, ou às outras coisas que visíveis ao olhar de quem as vê, se encontram em contextos apropriados / contextualizados, logo à primeira vista “nunca” perdidos. Refiro-me aos objectos extraviados, desirmanados, desencaixados, das suas funções, dos seus lugares, peças variadas de formas e materiais destintos, todos eles mais ou menos familiares, não parecem lixo no primeiro encontro e por isso sobressaem do resto que já nos habituamos a ver (como sendo lixo) e que eventualmente desaparecerá do nosso caminho ou será substituído por outro desperdício ... Dou conta de que em movimento, deslocando-me de aqui para lá ou vice-versa não deixo de estar parado olhando-me sobre rodas, avançando pelo caminho. Não é o mesmo caminho que se percorre dentro de um automóvel independentemente do trajecto, pois quanto menores e mais reduzidas se tornarem as relações com o exterior, menores e mais reduzidas se tornarão as relações com o nosso interior. A comunicação oral também é possível de um veículo silencioso para outro veículo silencioso – neste caso a bicicleta, como também é possível com um transeunte ou com qualquer outro ser vivo que faça do ar veículo de comunicação. A visão expande-se e com ela o tempo, pois ele também se estica para alcançar, ora seja o detalhe – um parafuso na berma da estrada – ora seja o céu no voo de uma ave à distância. Apesar de no relógio do tablier de um automobilista marcar o mesmo tempo que no relógio que levo eu no pulso, o tempo que eu gastei a viver o momento perdeu-se no tempo pela sua volatilidade. Não cheguei atrasado, nem em último, pois não corri com o tempo. E o tempo que gastei a percorrer a distância que me separava de casa para o local de trabalho é contabilizado pelo relógio que marca o tempo contabilizável – Mas que horas serão no Sol? (Lembrei-me de Wittgenstein). De volta à Terra e aprendendo de novo a manter o equilíbrio na minha “nova” bicicleta libertando as mãos e os braços e adquirindo uma postura erecta, dou conta de que quase poderia ler o Jornal durante o percurso para o trabalho sem no entanto deixar de usufruir do “esforço” que faço e que me impulsiona no espaço e no tempo. Não seria o mesmo sentado na garupa de um cavalo que te leva, que transpira contigo, e te lê o pensamento. Ao volante de uma bicicleta tornamo-nos transparentes - todos nos veem a chegar, ou não, e todos nos vêm a partir, ou não – e leves continuamos, pois nada de pesado deixamos ficar para trás. Riscamos a paisagem silenciosamente com o nosso passar; os nossos corpos desenham-se em torno dela, vibram com as suas irregularidades, curvam-se nas suas curvaturas e a alma ora contempla o esforço do corpo que a alberga, e a terra por donde gira, ora contempla o universo a onde paira. (São tantas as coisas em, e que pensamos, que acabamos por nos tornar nós próprios pensamentos.)